

## No centenário de John Donne

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "No centenário de John Donne", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 253-257.

**H**OJE, ao contrário do que aconteceu na última emissão — em que *tive* de lhes falar de um autor cuja obra não me agrada lá muito —, hoje, para os compensar e me compensar a mim também, vou falar-lhes de um poeta que muito admiro, que extremamente me fascina, que à medida que o releio me interessa cada vez mais.

Trata-se aliás de um poeta cuja cotação no «mercado» internacional (digamos assim), tem também aumentado incessantemente, nas últimas décadas — enquanto a de Milton, por sua vez, não tem feito senão baixar... Mas não é por isso, claro está, que ele me agrada. Noutras circunstâncias, a própria voga de que ele hoje desfruta até me levaria a manter-me de pé atrás... Simplesmente, essa voga não é de modo algum, no seu caso, o produto de uma determinada *moda*: é, sim, a consequência de um determinado *modo* de entender a poesia. De entendê-la, de apreciá-la e de por conseguinte valorizá-la. Por outras palavras: creio que Milton continuará a ser muito prezado por todos aqueles que vêem, na poesia, sobretudo um *meio* para exprimir muito bons sentimentos e muito boas intenções; mas um poeta como John Donne agradará incomparavelmente mais a todos aqueles (em cujo número me incluo) que entendem a poesia como um *fim* em si mesma — e para quem o poema, independentemente dos sentimentos ou das intenções que o motivem, há-de ser um *objecto* que por si próprio se justifique.

Nascido em Londres exactamente há quatro séculos — 1572 — John Donne merece que, ainda que discretamente, lhe festejemos aqui o quarto centenário — até porque há, na sua vida, dois aspectos que, de modo indirecto, dizem respeito a Portugal. O primeiro é o facto de ter participado, no mar dos Açores, muito jovem ainda, de uma batalha naval contra os Espanhóis. O segundo refere-se à admiração que tinha pelo nosso Jorge de Montemor, o autor da *Diana* — ao ponto de ter escolhido como lema para si próprio estas palavras do nosso compatriota: «Antes morto que mudado.» Mas a verdade é que John Donne (aqui no esplendor dos seus vinte anos) foi afinal, em desobediência a esse lema que tinha escolhido, um dos poetas mais *mudáveis* de toda a história da poesia. Em primeiro lugar (pelo menos até certa altura), no capítulo do amor; e, quanto a isso, será melhor que ouçamos, desde já, uma sua confissão:

*Posso amar, a um tempo, a morena e a loura;  
a que toda se dá ou a mais retraída;  
a que ama a solidão e a que em festas se enflora;  
a que vive em cidade, a nos campos nascida;  
a que tudo acredita, a que tudo pretende;  
a que chora sem fim e parece uma esponja;  
a que é seca por dentro e cortiça nos lembra.  
Posso-te amar a ti, e a ti, e a ti, e a todas,  
fiéis ou infiéis, tenham ou não vergonha.*

Esta capacidade para amar tantas mulheres diferentes não impediu, no entanto, o nosso poeta de vir a fixar-se numa só, de com ela casar por amor e de vir a sofrer as maiores misérias por causa desse casamento. Trata-se aliás de um dos episódios mais belos da biografia de Donne; e não nos custa a crer que ele tivesse levado a bom termo essas suas intenções, se nos lembrarmos do poder de convicção e de argumentação de que ele dá provas em muitos dos seus versos. Recordemos, por exemplo, o poema em que Donne, a partir de uma pulga (é verdade: de uma pulga!), consegue desenvolver toda uma tática de sedução amorosa:

*Repara nesta pulga e considera bem  
que quanto me não dás bem pouco valor tem:  
primeiro me sugou; agora a ti te suga;  
de nossos sangues fez uma total mistura...  
Mas por um caso assim ninguém sequer alude  
a vergonha, ou pecado, ou perda de virtude.  
Ela goza porém sem te haver cortejado;  
sacia-se, feliz, no sangue misturado:  
faz mais de quanto nós teríamos pensado...*

*Trata pois de poupar, nesta pulga, três vidas,  
porque nela já 'stão nossas almas unidas.  
A pulga somos nós, quase e mais que esposados:  
é leito nupcial e templo de casados.  
Apesar de teus pais, e de ti, eis-nos pois  
nesses muros de jade encerrados os dois.  
Embora te conheça instintos assassinos,  
não vás ao sacrilégio aumentar novos crimes,  
por três vezes pecar com mais três assassínios.*

*Não temes afinal, cruel e indif'rente,  
tua unha tingir neste sangue inocente?  
Que falta cometeu a pobre pulga errante*

*além de te extrair essa gota de sangue?  
Mas vences ao mostrar como nem tu nem eu  
nada perde por fim co'a pulga que morreu.  
Tua prudência (vês?) nem tem razão de ser.  
E se a honra me der's somente bás-de perder  
o que em vida se esvai nesta pulga ao morrer...*

Não nos deve surpreender — nem escandalizar — semelhante motivo de inspiração. É provável que ele repugne a certos estômagos delicados (uma pulga, imagine-se, uma pulga!), mas a verdade é que tais temas são frequentíssimos em toda a poesia da época. E eles não impedem, por outro lado, que um autor como John Donne seja muito justamente considerado o mais importante — o primeiro, até na ordem cronológica — entre os chamados «poetas metafísicos» da poesia inglesa do século xvii.

Levar-nos-ia agora muito longe esclarecer devidamente em que sentido se deve entender esta designação de «poetas metafísicos». Bastará lembrar que ela foi criada por outro poeta inglês — este já da segunda metade do século xvii —, John Dryden, e adoptada, no século seguinte, com acentuada intenção pejorativa, pelo célebre Dr. Johnson. E bastará lembrar também que eram os «conceitos engenhosos» e as imagens enredadas aquilo que mais caracterizava os referidos «poetas metafísicos».

No entanto, ainda noutra sentido bem pode John Donne — pelo menos num certo sector da sua obra — ser considerado, com toda a justiça, um «poeta metafísico». Na verdade, depois de várias vicissitudes — que seria igualmente muito longo historiar aqui —, John Donne, que tinha começado por ser católico, aderiu à igreja anglicana e tornou-se um teólogo afamadíssimo, cujos textos se contam entre os mais belos e representativos da literatura sagrada da Inglaterra. Mais ainda: depois de ter enviuvado, John Donne ingressou na carreira eclesiástica, tornando-se um dos pilares da igreja anglicana e, quando morreu, em 1631, era nem mais nem menos que deão da catedral de São Paulo, em Londres, onde os seus sermões atraíam, não só a nata da sociedade londrina, mas também autênticas multidões populares. No fim da vida, foi até ao ponto de se deixar retratar com a mortalha com que seria enterrado; mas a sua atitude perante a morte está bem patente no último sermão que proferiu (um verdadeiro sermão pela sua própria alma) e, sobretudo, nos Sonetos Sacros que escreveu neste último período da sua existência, dos quais escolhemos o que é sem dúvida mais significativo:

*Não te orgulhes, ó Morte, em te haverem chamado  
terrível e poderosa: eu sei que assim não és.  
Mesmo os que pensas tu que tens calcado aos pés  
não morrem; nem por ti serei assassinado.*

*Do repouso o retrato em que és representada  
aquém é do prazer, se colocado a par;  
e os melhor's que mais cedo a ti te vão buscar  
só os ossos te dão, mas libertam as almas.*

*De infelizes e reis, da Fortuna és escrava;  
teus companheiros são venenos, guerras, pestes...  
Filtros, melhor que tu, para dormir nos servem.  
Porque de orgulho então te mostras tão inchada?*

*Desperta-nos o Eterno após adormecer;  
e a morte há-de passar: tu, Morte, há-de morrer.*

Seja como for, os Sonetos Sacros e toda a poesia de inspiração religiosa da sua última fase não nos podem fazer esquecer o grande poeta erótico que John Donne anteriormente foi. E, a terminar esta emissão, que tem o seu quê de comemorativo (comemorativo do centenário de Donne) nada me parece mais adequado que apresentar ainda um dos mais belos dos seus poemas amorosos. Trata-se de um texto em que o poeta, com uma petulância magnífica, se dirige ao Sol Nascente; e já veremos porquê:

*Velho louco apressado, ó frenético Sol,  
porque há-de persistir em sempre nos chamar  
através da janela, através das cortinas?  
Julgas acaso tu que as estações do amor  
terão de sujeitar-se a teu curso despótico?  
Meu pedante imbecil, acorda, se te apraz,  
o menino de escola, o ronceiro aprendiz,  
o monteiro do Rei (pois Sua Majestade  
deseja cavalgar...) e até mesmo as formigas...  
Mas para Amor não há nem estações nem climas,  
e a hora, o dia, o mês — farrapos são do tempo...*

*Crês que teus raios são tão sagrados e fortes?  
Se os quiser dissipar basta fechar os olhos.  
Mas só o não farei pra não deixar de a ver.  
E, se os seus olhos não te cegarem os teus,  
contempla-a e diz-me tu, amanhã ao crepúsculo,  
se as duas Índias com seu ouro e especiarias  
se encontram realmente onde tu as deixaste  
ou aqui a meu lado... E pergunta p'los Reis  
que tu ontem fitaste: há-de vê-los aqui,  
todos eles, aqui, jazendo neste leito...*

*Ela é todos os Reinos; eu sou todos os Príncipes.  
Além de nós os dois, nenhuma coisa existe.  
Comparados connosco, imitam-nos os Reis;  
e a honra é um esgar; a riqueza, alquimia...  
Mas também tu, ó Sol, gozas da nossa dita,  
já que a sorte do Mundo assim foi contraída.  
Tua idade quer paz. E, como o teu dever  
é o mundo aquecer, aquece-nos a nós:  
pois que brilhando aqui, 'starás presente em tudo.  
Teu centro é este leito; tua 'sfera estes muros.*